

## TRINCHEIRAS COMO PORTAIS AO PASSADO<sup>1</sup>

Caio Baracuhy Corrêa<sup>2</sup>, Rogério Rosa Rodrigues<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Vinculado ao projeto “A Guerra do Contestado no ensino de História no Brasil: memória, história e conflitos”

<sup>2</sup> Acadêmico (a) do Curso de História – FAED – Bolsista PROBIC/UDESC

<sup>3</sup> Orientador, Departamento de História – FAED – rogerio.rodrigues@udesc.br

A Guerra do Contestado completou seus 100 anos em 2012, desde o fim da guerra, inúmeros artefatos são encontrados diariamente pelas populações que residem, onde no passado foram campos de batalha. Na região da comunidade de São Roque, em Irineópolis, essa situação se repete. Entretanto, os resquícios da guerra não se apresentam apenas em cartuchos e munições de canhão. Durante visita técnica realizada ao município de Irineópolis em outubro de 2021, encontramos pequeno bosque úmido com árvores que apresentavam líquens e outras plantas parasitas. Dentro deste bosque identificamos desníveis na terra que apresentavam algumas fendas e características de mudança de relevo realizadas pelo homem. Verificamos que aqueles buracos eram vestígios dos conflitos que aconteceram durante o início do século no planalto catarinense no episódio chamado Guerra do Contestado (1912-1916). Havia inúmeras árvores tombadas próximas a essas fissuras. Elas realçam ao pesquisador os obstáculos e parapeitos, indicando serem trincheiras usadas por combatentes durante a Guerra do Contestado.

A existência dessas trincheiras representa para as pesquisas referentes ao Contestado não apenas uma fonte, mas um entendimento em relação ao conhecimento bélico e estratégico dos sujeitos que participaram da guerra, principalmente quando observamos as fontes oficiais e a forma como elas relatam os combates, as estratégias e táticas dos caboclos. Como exemplo podemos citar o livro do historiador de farda Demerval Peixoto, intitulado A campanha do Contestado (1920).

Observando os relatos de Peixoto, conseguimos analisar que as trincheiras aparecem em ambos os lados, sendo as do exército aquelas que estavam mais próximas a cidades guarnecidas, ou em guardas espalhadas pelo território deflagrado. A lógica de organização das trincheiras construídas pelos caboclos, por sua vez, não se distingue daquela preparada pelo inimigo. Assim como no caso do exército, elas obedecem a disposição espacial de estarem mais próximas das cidades santas. Em relação a isso, o objetivo que pretendo abordar nesse trabalho é que ambos os lados dispunham de conhecimento bélico e estratégico durante a guerra. Resta saber como cada grupo explorou os recursos naturais, o relevo e demais elementos da terra para construir sua defesa.

É a partir disso que apresentamos hipóteses.

1) Quando comparamos os mapas do Peixoto e a localização dessas trincheiras em mapas modernos, utilizando principalmente os rios e suas posições como referência, como pontos de localização nos mapas, levantamos acreditamos que se trata de os resquícios de uma trincheira do exército. Isso porque identificamos na documentação notícias sobre a existência de uma guarda do exército que ficava entre os rios Timbozinho e Tamanduá. A hipótese se torna mais segura com a descoberta de que proprietários da fazenda onde a trincheira está localizada retratam a descoberta de munições de artilharia de montanha intactas entre as plantações.

2) Entretanto, se levarmos em consideração que a localização é um pouco mais acima da guarda no mapa, podemos dizer que essa trincheira seria utilizada pelos caboclos do reduto de Ignacio de

Lima, próximo ao rio Timbozinho e perto do reduto de Conrado Grobber. Essa possibilidade também é reforçada pela documentação, especialmente quando observamos que durante o conflito Ignacio de Lima realizou esforços para conter o avanço do exército naquela região.

3) Por fim, não podemos descartar a possibilidade da trincheira ter sido usada pelos dois lados da contenda. É possível que um dos grupos tenha realizado a construção dessas trincheiras, mas que no decorrer da repressão ao conflito ela foi tomada e usada como defesa pelo grupo inimigo. Essa possibilidade tem fundamento quando fazemos a leitura de que os combates e as posições dos grupos estavam em constantes mudanças.

Desta forma as questões referentes à posse da trincheira, ficam ainda no campo de estudos que necessita de ações materiais, tanto na sua conservação, tendo em vista que uma das trincheiras na localidade já se encontra coberta por serragem, ação realizada pelos moradores ao tentar evitar acidentes. Um outro ponto é o estudo dessas trincheiras, sendo necessário uma pesquisa de campo utilizando instrumentos que auxiliem na procura de novas evidências, o que pode permitir esclarecermos ainda mais algumas questões sobre a Guerra do Contestado nessa região.

Além da observação feita na região, os relatos militares e os mapas de época, usaremos como fontes também as fotografias de guerra. Espera-se, com esse estudo, apresentar novas perspectivas de entendimento sobre as estratégias e táticas utilizadas pelos militares e pelos caboclos, durante a Guerra do Contestado. Da mesma forma, abordaremos como o estudo atendo de vestígios do presente podem ser fundamentais para a compreensão de episódios e aspectos da história.



**Figura 1.** Trincheira em São Roque

**Palavras-chave:** Contestado; Trincheiras; Cultura Material.

Referência Bibliográfica

PEIXOTO, Demerval. **A Campanha do Contestado**. Rio de Janeiro: s/ed. 1920.